

De: Nelson Rabuske <nrabuske@icloud.com>

Enviada em: sexta-feira, 22 de março de 2019 17:03

Para: Olavo Dalvit <olavo.dalvit@lasalle.org.br>

Assunto: Notícias Moçambique

Relato de uma tragédia

Hoje é dia 20 de março, 20h00, quando começo a escrever este relato. Será enviado quando as conexões de internet ou telefone se reestabelecerem.

Foi dia 11 de março que anunciaram que dia 12 do mesmo mês, um ciclone estava se aproximando de Moçambique, mais precisamente, Sofala, estado em que os Irmãos De La Salle exercem sua missão. Chegou dia 12 e nada do anunciado ciclone chegou. Parecia uma mentira. Foi então que no dia 12 anunciaram novamente que o ciclone estava a caminho e que chegaria no dia seguinte, dia 13, quinta feira. Até meio-dia, nem vento, nem nuvens, nem chuva, mas sim, muito sol. As 13h00, porém, o vento começou a soprar, não muito forte, mas já balançava os galhos das árvores um pouco mais do que o comum. As 14h00 já se percebia que o vento realmente era mais forte do que o comum, mas nada de anormal ainda, visto que muitas vezes o vento sopra um pouco forte. Assim também as 15h00 e as 16h00, mas as 17h00 parecia que era verdade, que este tal de Ciclone DAI realmente estava mostrando a cara. As 18h00 já começavam as preocupações e as 19h00 os olhares assustados já estavam estampados nos rostos de quase todos. Eram galhos que quebravam, árvores que balançavam, forros que rugiam, chapas de zinco que barulhavam ao som do vento que assobiava sempre mais forte. E assim, o vento continuava a assobiar, quebrando alguns galhos, balançando os coqueiros, fazendo muito ruído e a chuva começando a aparecer. Estavam anunciados 200mm de chuva para menos de 24 horas e realmente não choveu tanto quanto na enchente que há um mês castigou duramente a cidade toda.

Mas até este momento, fora os sustos das rajadas de vento, tudo ainda eram aceitável e dentro do esperado para um ciclone. Chegou 21h00 e ninguém na casa falava mais. As operadoras de telefone, nenhuma delas funcionava mais. Todos estavam pasmos. O vento era muito forte. As chapas de brasilit já voam, as chapas de zinco despencavam e o vento cada vez mais forte até chegar 22h00 quando os sustos chegavam a ser contínuos. O vento beirava 180km horários e a casa chegou a tremer do outro lado, na sala de TV e refeitório, onde estávamos sentados, já apavorados, para nos proteger, porque os coqueiros, as coconuteiras e as mangueiras se encontravam do lado dos quartos. Foi o primeiro coqueiro que sobre ela caiu, quebrando a cobertura, mas não danificando as paredes. Olhamos para fora, com a lanterna, porque já não havia mais corrente elétrica há horas e vimos mais dois coqueiros derrubados sobre o canil. Corremos para o outro lado da casa e vimos que a licheira e o cajueiro já estavam carecas também, com os galhos quebrados e os que restavam, sem folhas. E assim, por mais de uma hora consecutiva o vento parecia não parar, nem sequer um segundo. Mas chegou 23h00, após uma longa expectativa que parecia não mais ter fim, parecia uma eternidade esta hora que não passava, quando enfim, relativamente, um pouco de calma. Os ventos pararam, ou melhor, pareciam ter parado, após uma hora de fúria. Mas era só impressão. Ainda continuava soprando o vento, mas um pouco menos forte. E fomos para a cama, achando que tudo terminara, pensando em ver alguns estragos no dia seguinte. Foi então que, perto das 2h00, já dia 14, o vento mudou de direção, aumentou a velocidade e completou seu trabalho. Era assustador, ou melhor, desesperador, talvez mais precisamente, apavorante, algo que, com palavras, não dá para dizer. Só sabe e só compreende, quem viveu um pesadelo desses. E foi, para milhares de pessoas, a “noite mais longa” que já viveram em suas vidas. Uma experiência entre a vida e a morte em que, para muitos, a morte venceu; mas para muitos mais, foi a vida que levou a vitória; vida que hoje mais é sobreviver do

que viver. Sem comer, nem vestir, sem aonde morar, sem “com o” que cozinhar e menos ainda “o que” cozinhar.

E foi mais uma hora e meia de fúria total, destruição em larga escala, um quebra-quebra sem igual, derrubando outro coqueiro sobre a casa, arrasando com o pomar, derrubando mangueiras inabaláveis, jogando eucaliptos de 50 anos da paróquia para todos os lados, para ao final, voltar ao sossego. Não que fosse sossego, mas era menos assustador. Não se dormia mais. Estávamos todos traumatizados e nem bem lembramos como chegamos até as 5h00, quando, um por um, passando pela água dos quartos, da sala, corredores... arriscou abrir as cortinas e lançar um olhar para fora das janelas. Era inacreditável. Olhares que mostravam um misto de pasmo, susto, admiração, improviso, buscando entender, ou mesmo acreditar no que estavam vendo. Mas ainda não dava para acreditar. A paisagem se transformara tal que não dava mais para conhecer. Íamos para um lado, para outro, e a cada passo, mais surpresos do que antes. Logo no início a ficha ainda não tinha caído. O quebra-cabeças estava ainda desmontado. E pouco a pouco, à medida que a razão foi tomando seu espaço, e a compreensão do que acontecera finalmente chegou, a desolação unânime, de uma cidade de meio milhão de pessoas, era a única expressão possível. Desolação, desespero, tristeza, desânimo, olhares perdidos, assustadíssimos, rostos chorosos, cabeças balançando inconformadas, sem saber o que dizer, multidões pedindo socorro..., silêncio, silêncio e mais silêncio. Não havia mais o que dizer. Todo mundo precisava de um tempo para se refazer. Finalmente as 9h00 horas do dia 14, os ventos cessaram. Foram 20 horas de ventos entre médios, fortes e fortíssimos chegando a 220km horários entre as 2h00 e 3h00 da madrugada. Foi uma experiência horrível, principalmente entre as 2h00-3h30 da madrugada, o ponto máximo do ciclone. Esta hora e meia foi longa. Muito longa. Longuíssima. Extremamente longa. Terrivelmente longa. Nesta hora e meia, a casa vibrava, eram barulhos, ruídos, rugidos contínuos e o tempo não passava, parecia que todos os relógios estavam com o pausa ligado.

Sexta-feira. Pouco a pouca as pessoas apareciam. Só falavam tragédias, desastres, calamidades, coisas horríveis, mortes, ferimentos, pessoas quebradas, o hospital abarrotado: choros e mais choros, sem lugar, sem atendimento, e por entre as árvores caídas, por cima dos galhos, debaixo dos troncos, por entre as folhas, pessoas sendo carregadas nos braços e mais pessoas chegando, e mais ainda, algumas vivas outras mortas, carregadas no colo, sem transporte e mesmo se tivesse era impossível passar por sobre 50 árvores caídas, umas por cima das outras, atravessadas no caminho. Não havia por onde passar. Era necessário escalar. Com toda a desgraça, o tempo ajudou um pouco, porque na sexta choveu bem pouco. Mas não houve um raio de sol. Trabalhos muito, muito mesmo. Mal conseguimos almoçar. A cozinheira não chegou. Nem a nossa, nem a da outra comunidade. Estavam na mesma situação, com suas casas descobertas.

Sábado e a realidade se impunha cruelmente. Mas não parecia sábado. Não tinha cara de sábado, muito menos de fim de semana. Quem ainda não tinha acordado, acordou. Quem não tinha percebido, percebeu. Quem não se deu conta, se deu. Já na sexta mesmo, as chapas de zinco foram sendo ajuntadas, remendadas, endireitadas e recolocadas nos tetos. No sábado, então, o que mais se ouvia era marteladas, machadadas, facãozadas, serrotes, podões em pleno embalo. Motosserra? Oxalá tivesse uma. Mas a Escola João XXIII conseguiu comprar uma na terça feira, 3 dias depois. E a chuva chegou. Chegou e ficou. Choveu o dia todo. E mesmo na chuva, trabalhamos como se não chovesse. Molhados; completamente ensopados.

Domingo. Domingo também não parecia domingo. Era dia de trabalho, muuuuito trabalho. Chovia, mas trabalhamos como se estivéssemos num belo dia de sol. Trabalhamos o dia todo, molhados, abaixo de chuvas intensas; trabalhamos muito. Cozinhamos e almoçamos sem um refrigerante ao menos e voltamos aos trabalhos. Ainda não havia corrente e os congeladores já começando a descongelar. Já estávamos começando a nos preocupar. Tínhamos carne e bastante polpa de

frutas do nosso pomar que congelamos. As polpas todas estragaram; a carne ainda se conserva. O freezer é bom e eu o tranquei à chave para ninguém abri-lo. Estava regulado no máximo, e muito congelado. Mas pretendemos comprar gerador amanhã.

Segunda feira: Acordamos com muita chuva. A noite toda choveu. É água por todo lado. Já não escoa mais. Os machados e facões, serrotes e podões, e todo mundo trabalhou para limpar o pátio. Compramos um gerador e a Escola João XXIII comprou uma motosserra. Um pouco de alívio, afinal e esperança que não apodreçam as coisas no freezer. A previsão de reestabelecimento da corrente elétrica é indeterminada. Falam de 2 meses. A rede toda continua no chão.

Terça-feira: Acordamos com mais chuva. Terminou o gás, o carvão molhado. Mais um pesadelo. Estragou o gerador. Quase o dia todo para trocarmos a placa, mas voltou a funcionar. Pelo menos uma alegria. Gente pedindo socorro, querendo um pouco de carvão, um pouco de trabalho para ter um pouco de dinheiro e poderem comprar algo. O pouco dinheiro que tinham foi gasto na casa e agora não há mais para comprar comida, que está subindo de preços vertiginosamente. Um pão que custava 5 meticais já está 10 mt. Um favo de ovos de 210,00 foi para 350,00. Vai ser terrível. Menos terrível para nós, mas muito mais para eles.

Quarta feira. Acordar foi um pesadelo. Levantar uma superação. Num estado deprimente como tudo se encontra, só superando-se. A vontade é de ficar um mês na cama.

Já anunciaram que o ciclone voltaria amanhã. Já estamos assustados.

Sair de casa é terrível. Mesmo para ir ao pátio. Tudo fede, tudo está podre, água, barro, lama, galhos e folhas apodrecendo, animais mortos fedendo. São 8 dias de trabalhos intensos de 15 pessoas, todos os dias, e parece que ainda não feito nada.

Fedentina, lixo, podridão, água parada por todos lados, é horrível.

Hoje um trem carregado de arroz que molhou num grande armazém começou a distribuir os sacos molhados. Foram multidões correndo ao longo da auto-estrada para ver se conseguiriam pegar algo. Tive a sorte de cruzar de chopela por lá, justamente na hora da distribuição, que se via ao longe, por cima da multidão que se atropelava para ver se recebia algo.

Quinta feira. Felizmente o ciclone anunciado no dia anterior não aconteceu. Mais um dia sem luz, sem água. A casa já cheira mal. Os morcegos do teto, cagando e mijando e com chuva tudo entra dentro de casa. Na capela já dá mais para aguentar. É igual a cheirar sal-amoníaco. Simplesmente não dá para respirar porque chega a doer nas narinas o cheiro ácido da urina fermentada na água. Tivemos um pouco de sol e as águas desceram um pouco. Mas a lama, cada vez pior. Priorizamos os animais, conseguimos cobrir o chiqueiro, o estábulo dos cabritos e das galinhas. A horta continua destruída. Tínhamos couve, rúcula, beringela, jiló, pimenta, pepino, salsa e cebolinha, milho verde. Tínhamos, como disse. Se foi tudo, mas sobrou almeirão.

Sexta-feira. Voltou a chuva. Mais um dia terrível. Mas comemos canjica para o café da manhã. Não há pão há 8 dias. Na rádio anunciaram mais 180mm de chuva para hoje. Os rastros de destruição golpeiam a mente e o coração a todo momento e em todo lugar. Nas escolas, só barulho de construção cobrindo as salas destelhadas. Acabou minha energia e a bateria também. Um abraço,

Ir. NELSON RABUSKE